

## TECNOLOGIAS DE INTERVENÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA OFICINA DE PRODUÇÃO DE FANZINE NO CONTEXTO PRISIONAL

Interventional technologies in social occupational therapy: reflections from a fanzine creation workshop in the prison system.

Tecnologias de intervenção em terapia ocupacional social: reflexões a partir de uma oficina de produção de fanzine no contexto prisional.

### Waldez Cavalcante Bezerra

Terapeuta Ocupacional e Docente da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, UNCISAL.

[waldezto@yahoo.com.br](mailto:waldezto@yahoo.com.br)

### Clesiane Faustino dos Santos

Terapeuta Ocupacional pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, UNCISAL.

[clesiartes@hotmail.com](mailto:clesiartes@hotmail.com)

### Resumo

Este artigo reflete sobre o uso da produção de fanzine junto à população carcerária como tecnologia de intervenção em terapia ocupacional social, considerando a necessidade de investimentos teóricos e práticos que norteiem a ação profissional nesse campo de atuação. A experiência relatada ocorreu em instituição prisional da cidade de Maceió-AL, região Nordeste do Brasil. Observou-se que, ao se utilizar o fanzine como um recurso, foram ampliadas as oportunidades de: discussão e reflexão crítica sobre a sociedade e o cotidiano institucional; expressão livre de ideias; autonomia e satisfação pessoal em produzir algo; visibilidade social positiva acerca de quem o produziu.

**Palavras-chave:** Prisões, Vulnerabilidade social, Cidadania, Terapia Ocupacional/tendências.

414

### Abstract

This article reflects upon the using of fanzine production with the incarcerated population as a intervention technology in social occupational therapy, considering the necessity of investments both theoretical and practical to guide the professional acting in said field. The reported experience has occurred in a prison institution in the city of Maceió, state of Alagoas, northeast Brazil. It was observed that when using fanzine as a resource, many opportunities for discussion and critical reflection towards society and institutional routines were created, as well as expressing ideas freely, autonomy and self satisfaction in producing something; positive social visibility of who produced it.

**Keywords:** Prisons, Social Vulnerability, Citizenship, Occupational Therapy/trends.

### Resumen

Este artículo reflexiona sobre el uso de la producción de fanzine junto a la población carcelaria como tecnología de intervención en terapia ocupacional social, considerando la necesidad de inversiones teóricas y prácticas que norteen la acción profesional en ese campo de actuación. La experiencia relatada ha ocurrido en una institución carcelaria de la ciudad de Maceió-AL, región Nordeste do Brasil. Se observó que, cuando se utiliza el fanzine como un recurso fueron ampliadas las oportunidades de: discusión y reflexión crítica acerca de la sociedad y el cotidiano institucional; expresión libre de ideas; autonomía y satisfacción personal en producir algo; visibilidad social positiva acerca de quién lo produce.

**Palabras clave:** Cárceles, Vulnerabilidad social, Ciudadanía, Terapia Ocupacional/tendencias.

## 1 INTRODUÇÃO

O foco da discussão deste artigo gira em se refere as tecnologias de intervenção em terapia ocupacional social, tendo em vista a necessidade de constantes investimentos teóricos e práticos que subsidiem a ação profissional nesta subárea de atuação no Brasil. Propõe-se uma reflexão sobre o uso do fanzine junto à população carcerária e suas potencialidades, nesse contexto específico, como recurso para intervenções em terapia ocupacional social. As proposições apresentadas partem da experiência desenvolvida em uma disciplina do penúltimo ano do curso de terapia ocupacional da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), cujos conteúdos visam dotar o profissional de competências e habilidades para desenvolver ações no campo social.

## 2 AS FORMULAÇÕES DA TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL COMO REFERENCIAL TEÓRICO DA PRÁTICA

415

O reconhecimento formal da subárea terapia ocupacional social é relativamente novo, contudo, as primeiras experiências práticas desse campo no Brasil datam do final dos anos 1970, atreladas às problemáticas sociais da época. Ao longo das últimas décadas, a população-alvo da terapia ocupacional social delimitou-se como “aquela cujas maiores necessidades configuram-se com base na sua condição de excluída ao acesso aos bens sociais e cuja problemática se manifesta pelo agravamento das condições de vida a que está submetida”.<sup>1, 2</sup>

Nesta subárea, exige-se do profissional a capacidade para construir intervenções coerentes com as culturas locais e as reais necessidades sociais, rompendo com ações técnicas preestabelecidas e conservadoras. Uma nova compreensão da atividade se faz necessária e esta passa a se constituir como instrumento para o desenvolvimento do indivíduo, alimentada pela dimensão sociopolítica, cultural e afetiva das pessoas, grupos e comunidades.<sup>3</sup>

A terapia ocupacional social buscou nos referenciais das ciências humanas e sociais a base teórica para construir metodologias de abordagens individuais e coletivas, visando dotar os profissionais de competência técnica e política a fim de atuarem em outros campos para além da saúde. Construiu uma base teórico-metodológica própria, lançando mão de diferentes

tecnologias de intervenção, capaz de impulsionar a atuação na área social, promovendo a integração e a articulação de ações nas dimensões macro e microssocial da vida em sociedade.

Entre essas tecnologias destacam-se: a) as *Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos* enquanto recursos mediadores do trabalho de aproximação, acompanhamento, apreensão das demandas e fortalecimento dos sujeitos, tendo como foco o uso das atividades em espaços grupais e/ou coletivos; b) os *Acompanhamentos Singulares e Territoriais* que têm na escuta individual e coletiva das demandas sociais o ponto de partida para as estratégias de intervenção, permitindo compreender que as ineficiências ao acesso a serviços e bens sociais interferem diretamente no cotidiano das pessoas; c) a *Articulação de Recursos no Campo Social*, entendida como um conjunto de ações nos níveis político e da gestão; d) e a *Dinamização da Rede de Atenção*, que tem por objetivo fomentar a interação e a integração de diferentes setores e níveis de intervenção.<sup>4</sup>

Para legitimar a referida subárea de atuação, o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional publicou a Resolução nº 383/2010, que define as competências profissionais nos contextos sociais e considera, em seu Art. 11, o terapeuta ocupacional como profissional habilitado para atuar no sistema prisional, visto que o encarceramento repercute enormemente no cotidiano dos apenados.<sup>5</sup>

Segundo Goffman<sup>6</sup>, a organização das instituições prisionais visa proteger a comunidade contra perigos intencionais; o bem-estar das pessoas nelas isoladas não constitui problema imediato. No cárcere, o sujeito deixa de tomar decisões da vida cotidiana; contraditoriamente, espera-se que posto em liberdade seja capaz de lidar com esses aspectos da vida. A rotina no interior das prisões gira em torno de sua natureza punitiva, diluindo-se a sua perspectiva de instituição preventiva e ressocializadora. A estrutura arquitetônica acentua a repressão, as ameaças, a desumanidade e a falta de privacidade.<sup>7,8</sup>

### **3 O CENÁRIO DA PRÁTICA E OS ATORES ENVOLVIDOS**

As intervenções de terapia ocupacional ocorreram nos meses de agosto e setembro de 2015, com um grupo de reeducandos do Núcleo Ressocializador da Capital, em Maceió-AL, região Nordeste do Brasil. Este foi inaugurado em 2011 e consolidou-se como unidade

modelo do sistema prisional alagoano. Embasado pela metodologia dos “Módulos de Respeito”, tem sua política pautada pelo diálogo, transparência e respeito mútuo entre todos os inseridos na instituição. O reeducando é convidado a assinar um contrato de adesão voluntária, devendo tomar ciência das regras e obrigações institucionais, dentre as quais : trabalhar; estudar; participar de cursos profissionalizantes, de ações de promoção sociocultural, de integração grupal e autogerenciamento.

A inserção no Núcleo para a realização das intervenções se deu a partir de contatos com os gerentes locais, que pactuaram a nossa proposta, pois viram nela uma possibilidade para o desenvolvimento de atividades socioculturais e de integração grupal, contribuindo com o processo socioeducativo dos custodiados. Do ponto de vista da formação acadêmica, objetivou possibilitar às discentes de terapia ocupacional a vivência de ações no campo social, para o desenvolvimento de habilidades e competências profissionais.

Participaram das oficinas oito reeducandos do sexo masculino, selecionados aleatoriamente pelos gerentes do Núcleo, seis discentes do curso de terapia ocupacional da UNCISAL e o docente responsável pelas atividades.

Os reeducandos apresentavam idades entre 32 e 72 anos, nível de escolaridade do 6º ano do ensino fundamental ao ensino superior incompleto, profissões distintas e tempo de encarceramento variando de 11 meses a 7 anos, por motivos diversificados, fatores estes que tornaram o grupo heterogêneo.

Entre as tecnologias de intervenção comumente utilizadas pelos terapeutas ocupacionais no campo social, optou-se pela realização de *Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos*, mais especificamente, uma oficina de construção de fanzine, cuja potencialidade como recurso para o terapeuta ocupacional já foi demonstrada em experiência territorial, junto a jovens em situação de vulnerabilidade social.<sup>9</sup>

O vocábulo fanzine é um neologismo que teve sua origem em 1941, a partir da junção de duas palavras do vocabulário inglês – *fanatic* (fã) e *magazine* (revista) –, para nomear as publicações artesanais que, naquele período, proliferavam nos Estados Unidos<sup>10</sup>. Enquanto publicação de baixo custo e fácil reprodução, pode estar em lugares aos quais a grande imprensa não consegue chegar, em decorrência do isolamento ou de outro fator, tornando-se um veículo de livre expressão para aqueles que não têm liberdade nem espaço nos grandes meios de comunicação.<sup>9</sup>

Considerando as características restritivas e contradições da instituição prisional, a intervenção, por meio da oficina de fanzine, visou potencializar formas alternativas de comunicação, promover a expressão livre de ideias, estimular a criatividade e a autonomia, promover o resgate de interesses, possibilitar o acesso à informação e a abertura de diálogos e trocas sociais, minimizando os impactos da institucionalização no cotidiano dos reeducandos, por meio de uma prática pautada pela noção de cidadania e de seus direitos e deveres correlatos.

A oficina foi organizada em três etapas (apresentação da proposta, confecção do fanzine e discussão da produção), que ocorreram durante quatro encontros, com duração de três horas cada, em uma sala do Núcleo. Os dados analisados neste artigo são frutos dos registros do diário de campo de uma acadêmica e do produto (fanzine) elaborado na oficina.

### **3.1. O desenrolar da oficina de fanzine: um processo dinâmico e relacional**

Visando possibilitar autonomia aos sujeitos e reduzir as hierarquias e estruturas de poder próprias da instituição prisional, estabeleceu-se que o espaço da terapia ocupacional fosse marcado pelo respeito à diversidade e pela democratização das decisões. A ideia de um projeto coletivo teve o intuito de trabalhar com uma metodologia participativa, na qual as pessoas fossem estimuladas a contribuir e construir um único produto, neste caso, um fanzine.

Todas as decisões referentes à estrutura (tamanho, número de páginas, temáticas abordadas, nome etc.) e distribuição do fanzine contaram com a participação de todos os atores envolvidos: reeducandos, discentes e docente, este último na condição de mediador do processo. Esta postura também buscou facilitar e reforçar os processos de identificação entre os indivíduos e a produção.<sup>11</sup>

A primeira etapa contou com a apresentação dos participantes e da proposta. Foram discutidas as características e propósitos do fanzine e os processos necessários para a sua produção, e decididos os temas que cada um abordaria, sendo esta uma escolha livre e individual. Os temas escolhidos foram: futebol, arte, culinária, artesanato, cultura, inclusão e exclusão social, política, motos, cidadania e convívio carcerário. Neste momento os participantes não foram questionados sobre suas escolhas; esta discussão foi feita ao longo das oficinas e na apresentação final do produto, já que todos estavam mais à vontade para se

colocar diante do grupo. Cada participante foi responsável pela organização e desenvolvimento do tema escolhido.

A segunda etapa, confecção propriamente dita, englobou dois encontros. Nela, foi feita uma ampla oferta de materiais para o grupo explorar e fazer a sua produção. Os materiais foram dispostos numa única mesa, proporcionando maior interação em uma construção, simultaneamente, individual e coletiva, pois as páginas produzidas individualmente seriam agregadas às demais, resultando num único produto.

No início do segundo encontro, os reeducandos chegaram motivados para a oficina e com ideias bem elaboradas para a sua construção, com alguns relatando ter passado a semana pensando sobre como abordaria o tema escolhido. Notaram-se a adesão do grupo à proposta e o envolvimento afetivo com a atividade, que adquiriu significados singulares com a história de vida de cada participante, significados que só puderam ser compreendidos em maior profundidade mais adiante.

Os dois encontros que compuseram esta etapa foram mediados por diversas trocas sociais e afetivas. Assuntos do cotidiano tais como estudo, trabalho, expectativas de vida, família e outros como crise econômica e política, mídia, ciência, despertados pelos recursos, puderam ser amplamente discutidos.

Observou-se que os reeducandos encontraram no fazer, uma mediação para o diálogo e o aprendizado. Nesse processo, alguns dos recursos disponibilizados (revistas e jornais) facilitaram a discussão, pois à medida que os participantes os folheavam em busca de imagens ou textos para a sua produção, liam notícias que lhes chamavam a atenção, mesmo que não tivessem relação com o tema escolhido.

A oficina também se tornou o espaço para compartilhar as alegrias, tristezas e medos. Foi comemorada a aprovação de um reeducando para o regime semiaberto e os medos envolvidos nessa mudança, bem como acolhida a frustração de outro que teve negada a sua remissão de pena. Nesse dia, dois temas emergiram para a discussão: o preconceito e os impedimentos que ele pode gerar na participação social.

*“Eu fico pensando na minha liberdade (choro)... Eu fico pensando em quem vai ficar aqui esperando mais tempo... Eu fico pensando como será minha vida lá fora com uma tornozeleira o dia todo. Como as pessoas vão me ver, os constrangimentos que posso passar quando as pessoas olharem para mim.”* (Fala de um reeducando que iria para o regime de semiliberdade, registrada no diário de campo).

Preocupado com o estigma da incapacidade e da criminalidade<sup>6</sup> ou o da figura do delinquente<sup>7</sup>, observa-se na fala acima a ambivalência de sentimentos com a proximidade da liberdade, bem como a empatia do grupo e o vínculo criado entre eles. Nesse momento, o grupo foi estimulado a refletir sobre quais pessoas e instituições poderiam se configurar como redes formais (serviços de saúde, assistência social, educação, profissionalização etc.) e informais (familiares, vizinhos, amigos, grupos comunitários etc.) de apoio social, contribuindo para o seu desenvolvimento e atuando como fator protetivo nas situações de insegurança e crise, ajudando a enfrentar as adversidades decorrentes do preconceito.

Cabe salientar que aos efeitos naturais da prisão (isolamento, despersonalização e a institucionalização) somam-se os efeitos do rompimento de suporte familiar e comunitário, provido pelas redes informais de apoio social. Diante deste rompimento, evidencia-se o papel quase que exclusivo assumido pela família de presos no desempenho de funções características das redes formais e informais de apoio social.<sup>12</sup>

Com um grupo heterogêneo a trabalhar num projeto único, esperava-se a emergência de conflitos. Estes surgiram em torno das discussões e justificaram-se pelas opiniões divergentes acerca do que estava sendo discutido, desde política até a escolha do nome para o fanzine. Coube ao docente responsável mediar os conflitos, valorizando a diversidade existente no grupo e promovendo o respeito mútuo, habilidades importantes para a vida em sociedade, que é conflitiva em sua essência<sup>13</sup>.

Ponderou-se a ação do terapeuta ocupacional como estratégia ou metodologia de mediação do conflito e de negociação relacional<sup>13</sup>. A oficina tornou-se um espaço de negociação cultural e relacional, de produção ou de facilitação da participação de todos e do reconhecimento de que é possível coexistir e aprender com as diferenças.

Ainda nesta etapa, o nome *Criando Elos* foi escolhido para o fanzine, sob a justificativa de representar a integração da Universidade com os reeducandos e com o Núcleo, a partir de uma relação de respeito mútuo e de aprendizados que serão levados para além dos muros da instituição (Figura 1).



**Figura 01.** Capa do Fanzine. Fonte: Arquivo Pessoal.

A terceira e última etapa foi dedicada à discussão sobre a produção e o destino desta. Levantaram-se dados acerca da percepção e da avaliação dos integrantes com relação à experiência vivida, abordando questões como: a estruturação e o desenvolvimento da oficina; os aspectos subjetivos relativos à satisfação pessoal; e o impacto da experiência no cotidiano da vida institucionalizada.

Ficou nítida a relação da produção com as histórias de vida, revelando que a atividade, instrumento básico da terapia ocupacional, está presente na vida do homem e transporta todas as relações que o envolvem. Está vinculada às relações sociais, políticas e culturais deste, é determinada e determinante cultural, e politicamente atua como forma de dizer da condição humana, ocorrendo segundo as experiências culturais e de vida social do indivíduo, expressando não só as identidades, mas também suas construções.<sup>13,14,15</sup>

Um participante, cuja produção foi sobre motos, revelou que antes da prisão trabalhava como mototaxista e atualmente o filho assumiu seu ofício; outro que fez sobre artesanato, relatou emocionado que nasceu e criou-se em um bairro cujo artesanato é a principal atividade econômica, sendo toda a sua família composta de artesãos; e outro que

escreveu uma poesia revelou que a “Moreninha” do título abaixo de fato existe e é um grande amor de quem sente saudade (Figura 02).



Figura 02. Poesia “Moreninha”. Fonte: Arquivo Pessoal.

Para outros, o fanzine serviu como meio de expressão política e de crítica social. Afirmaram-se enquanto ser social e trouxeram, na sua produção, críticas ao sistema prisional, ao preconceito da sociedade sobre a população carcerária, à corrupção política no país, entre outros temas (Figura 3).

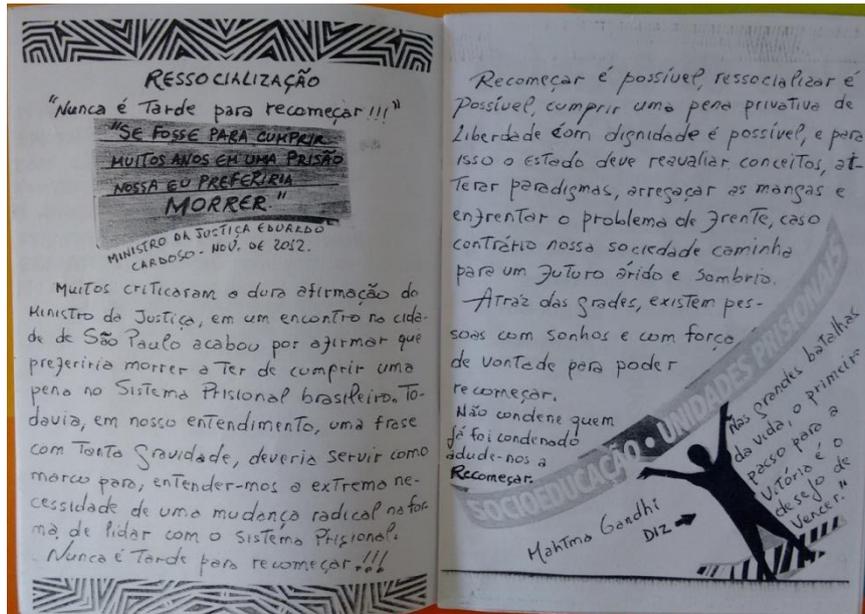


Figura 03. Texto produzido por um reeducando. Fonte: Arquivo Pessoal.

Foram diversas as linguagens e formas de expressão utilizadas pelo grupo: imagens, música, poesia, desenhos e textos. O recurso utilizado possibilitou uma construção variante entre contextualizações formais e informais, textuais e visuais. A liberdade proporcionada pelo recurso permitiu transitar entre o real e o ficcional para transmitir uma ideia ou pensamento (Figura 4).

423

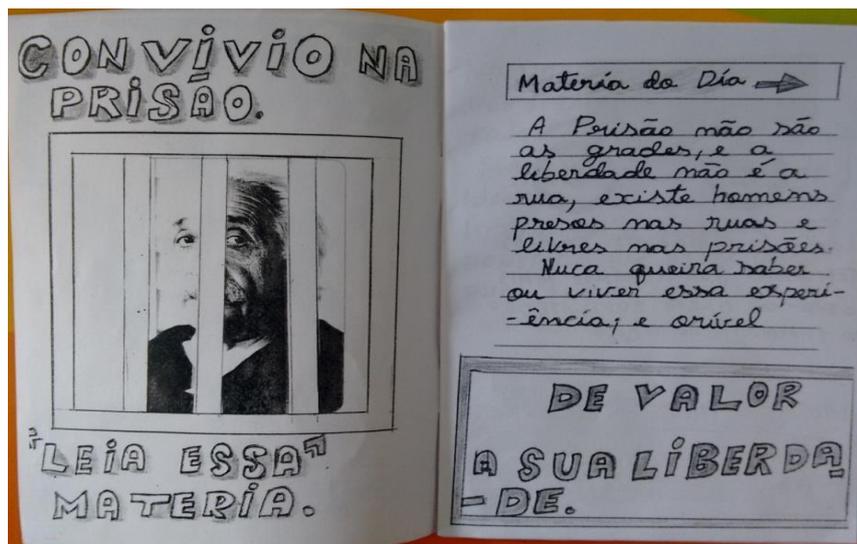


Figura 04. Diversidade de linguagens utilizadas. Fonte: Arquivo Pessoal.

Assim, os diferentes níveis de escolaridade não trouxeram impedimentos à participação, pois as possibilidades eram múltiplas na maneira de expressar-se e tudo foi feito do modo mais autônomo possível, com pouca ou quase nenhuma interferência.

O fanzine promoveu a percepção dos participantes como sujeitos autônomos, capazes de participar ativamente na construção de subjetividades e de estreitar as relações de convivência entre eles, tornando o espaço prisional menos hostil. Ficou evidenciada nos discursos, registrados em diário de campo, a satisfação pessoal em ter participado da oficina:

*“Nesse momento eu me sinto bem, como se estivesse livre”.*

*“Uma experiência nova. A princípio, fiquei surpreso. O momento foi muito interessante e importante porque as pessoas lá fora não têm ideia de como é o convívio aqui dentro”.*

*“Nossos encontros foram rápidos demais. É muito bom. Tudo que passei vai servir de aprendizado para mim. Não conhecia o fanzine, conheci dentro da cadeia; Esse trabalho foi essencial e eu vou passar para minha família”.*

*“Quando estou aqui nas oficinas até esqueço que estou preso, mas aí acaba, saio da sala e logo cai a ficha. Bom mesmo seria se a gente viesse para oficina e daqui fosse pra casa”.*

*“Para mim foi novidade, nunca tinha ouvido falar, mas gostei muito”.*

Ao término da oficina, discutiu-se o destino do fanzine, sendo consenso entre eles o desejo de distribuí-lo fora da instituição, com a maior visibilidade possível. Reconhecendo a importância desse desejo, o terapeuta ocupacional assumiu o papel de articulador de recursos no campo social, buscando meios para a reprodução e distribuição do material. Após negociações com a gestão local, a reprodução do fanzine foi feita na gráfica do sistema prisional, em impressão colorida, para posterior distribuição.

Orgulhosos do resultado, os reeducandos solicitaram cópias para entregar aos familiares e ao Juiz, pedindo-nos que distribuísse também na Universidade e, assim, as ideias acabaram por convergir para que o fanzine ultrapassasse os muros da prisão, fazendo uma conexão entre eles e a sociedade, já que naquele momento, eles próprios não podiam fazer.

Assim como Lopes, Borba e Monzeli<sup>9</sup>, constatou-se que a satisfação pessoal de ser autor de uma produção da qual o grupo se orgulha defronta-se diretamente com outra característica do fanzine: a visibilidade de quem o produziu. Ao circular o fanzine por diversos espaços (institucionais ou não) essa visibilidade vincula-se a possibilidade de o reeducando se ver e se perceber, além de poder ser visto e percebido pela sociedade, para

além da delinquência, da criminalidade. Tornou-se um veículo de comunicação não só entre os reeducandos, mas também entre eles e a instituição e entre eles e a sociedade, configurando-se como um recurso potente para promover a comunicação entre diversos atores sociais.

#### 4 CONSIDERAÇÕES SÍNTESES DA PRÁTICA

Os avanços teóricos e metodológicos observados na última década no campo da terapia ocupacional social ainda requer de outros investimentos no que se refere desenvolvimento de tecnologias de intervenção coerentes com os públicos-alvo das ações. Este relato buscou contribuir com reflexões sobre o uso do fanzine no contexto prisional. A experiência relatada e a sua divulgação poderá promover discussões de profissionais que atuam em instituições de caráter semelhante.

#### Referências

1. Galheigo SM. **Terapia ocupacional social: uma síntese histórica acerca da constituição de um campo de saber e de prática.** In: Lopes RE, Malfitano APS. *Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos.* São Carlos. EduFSCar; 2016, p. 49 -68.
2. Malfitano APS. **Contexto social e atuação social: generalizações e especificidade na terapia ocupacional.** In. Lopes RE, Malfitano APS. *Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos.* São Carlos. EduFSCar; 2016, p. 117-134.
3. Barros DD, Ghirardi MIG, Lopes RE. **Terapia Ocupacional e Sociedade.** *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo.* 1999; 10(2): 69-74.
4. Lopes RE, Borba PLO, Cappellaro M. **Acompanhamento individual e articulação de recursos em terapia ocupacional social: compartilhando uma experiência.** *O Mundo da Saúde.* 2011; 35(2): 33-238.
5. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (Coffito). **Resolução nº383, de 22 de dezembro de 2010.** Define as competências do terapeuta ocupacional nos contextos sociais e dá outras providências. *Diário Oficial da república Federativa do Brasil, Brasília, DF,* 25 dez. 2010. Disponível em:

- <[http://www.coffito.org.br/publicacoes/pub\\_view.asp?cod=1960&psecao=9](http://www.coffito.org.br/publicacoes/pub_view.asp?cod=1960&psecao=9)> Acesso em: 16 de maio de 2017.
6. Goffman E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo. Perspectiva; 2003.
  7. Foucault M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 30ª ed. Petrópolis. Vozes; 2005.
  8. Onofre EMC, Julião EF. **A Educação na prisão como política pública: entre desafios e tarefas**. Educação & Realidade. 2013; 38(1): 51-69.
  9. Lopes RE; Borba PLO; Monzeli GA. **Expressão livre de jovens por meio do fanzine: recurso para a terapia ocupacional social**. Saúde Soc. 2013; 22(3): 937-948. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v22n3/27.pdf>
  10. Magalhães H. **O que é fanzine?** São Paulo. Brasiliense; 1993.
  11. Ferigato SH. **O agir criativo em Terapia Ocupacional: uma reflexão filosófica a partir dos paradoxos da contemporaneidade**. Cad de Terap Ocup da UFSCar. 2007; 15(2): 131-137.
  12. Barcinski M, Lermen HS, Campani C, Altenbernd B. **Guerreiras do cárcere: uma rede virtual de apoio aos familiares de pessoas privadas de liberdade**. Temas em Psicologia. 2014; 22(4): 929-940.
  13. Barros DD. **Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo. 2004; 15 (3): 90-97.
  14. Barros DD; Lopes RE; Galheigo SM. **Terapia ocupacional social: concepções e perspectivas**. In: Cavalcanti A; Galvão C. Terapia ocupacional: fundamentação e prática. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan; 2007. p. 347-353.
  15. Lopes RE et al. **Juventude pobre, violência e cidadania**. Saúde & Sociedade. 2008; 17(3): 63-76.

---

**Contribuições do autor e da autora:** Ambos participaram de todas as etapas do trabalho: sistematização e análise dos dados, concepção e redação do texto.

Submetido em: 11/05/2017

Aceito em: 04/07/2017

Publicado em: 31/07/2017